

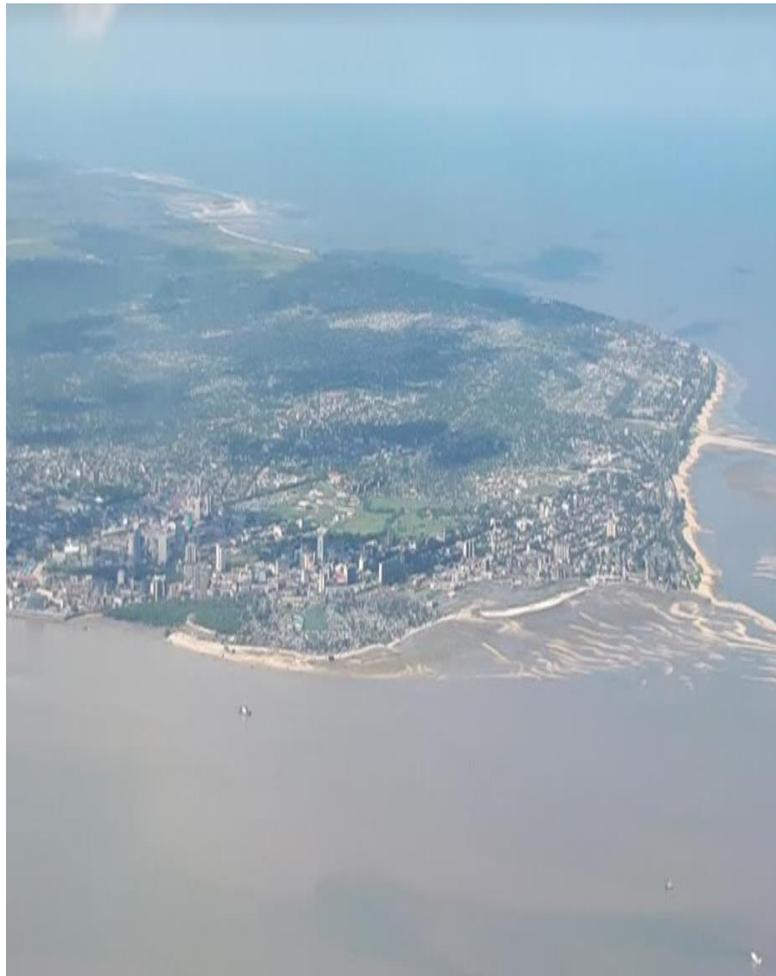
# VIVÊNCIAS EM BEIRA, MOÇAMBIQUE

*Andréa Cristina Vanni*

No dia 17 de maio de 2018, cheguei à cidade de Beira, em Moçambique, para trabalhar por um ano em uma ONG médica. Moçambique é um país da costa oriental da África Austral, que faz fronteira com a Tanzânia ao norte, com o Malawi e a Zâmbia a noroeste, com o Zimbábue e a Suazilândia a oeste, com a África do Sul ao sul, e com o Oceano Índico a leste, possuindo uma longa costa (2.500 quilômetros) voltada para Madagascar. Moçambique foi colonizado por portugueses, proclamou sua independência em 25 de julho de 1975, sua capital é a cidade de Maputo, a maior cidade do país, a moeda nacional é o Metical e a língua oficial é o português (1). O país tem uma população de 29,6 milhões, dispõe de amplas terras aráveis, água, energia, assim como recursos minerais e gás natural; possui três aeroportos internacionais (Maputo, Beira e Nampula) e três portos marítimos (Maputo, Beira e Nacala). Em 2017, cerca de 70% da população vivia e trabalhava em áreas rurais e a expectativa de vida era de 59 anos de idade; em 2014, 46,1% estava abaixo da linha da pobreza do Banco Mundial (2).

Beira, capital da província de Sofala, é a segunda maior cidade do país, possuindo uma população de cerca de 500.000 habitantes e uma

extensão territorial de 633 km<sup>2</sup>. Além do porto e do aeroporto, Beira possui linhas ferroviárias e rodoviárias que conectam a cidade a todo o país e aos países vizinhos Tanzânia, Malawi e Zimbábue, o que a torna um importante ponto de comércio e de transporte de mercadorias. Beira foi fundada pelos portugueses em 1887 e, originalmente, chamava-se Chiveve (nome de um rio local). Foi rebatizada em homenagem ao Príncipe da Beira, D. Luís Filipe, que, em 1907, foi o primeiro membro da família real portuguesa a visitar Moçambique. D. Luís Filipe foi portador do decreto real que concedia à Beira o estatuto de cidade (3).



Vista aérea de Beira / Fonte: arquivo pessoal

Naquele dia, em torno das 8 horas da manhã, o avião da South African Airways começava a se aproximar de Beira, dando início a uma longa trajetória de aprendizados, conflitos internos, descoberta dos trafores e tráfes, choques culturais, grandes amores (adotei uma gata e uma cachorra e as trouxe para o Brasil) e amizades, descoberta de sentimentos positivos e negativos nunca vivenciados anteriormente e um grande desafio à psicossomática. À medida que o avião se aproximava de Beira, já era possível perceber que o nível de desenvolvimento da cidade era bastante baixo para a segunda maior cidade do país. Era possível avistar muitos casebres bastante simples entre coqueiros, dispostos de forma desordenada (ausência de quadras definidas), ruelas de terra muito estreitas e inacessíveis a carros, e alguns poucos prédios mais ao longe, que depois constatei estarem localizados na área mais nobre e central da cidade. No trajeto entre o aeroporto e a minha futura residência, ficou cada vez mais evidente a diferença drástica entre Maputo e Beira. Maputo é uma cidade bem desenvolvida, com tudo que cidades de médio e grande porte do Brasil têm: shoppings, grande variedade de restaurantes e bares, cinema, trânsito intenso nos horários de pico, alguns carros de luxo trafegando nas ruas, mistura de prédios antigos e modernos, moradias classe A, B e C, monumentos e construções com arquitetura portuguesa bem preservados, no comércio é possível encontrar tudo que se precisa, possui lojas diversificadas e para todos os gostos e bolsos.

Já em Beira, o cenário é constrastante. Não há shoppings, há lojas individuais e galerias com poucas lojas; as lojas que vendem roupas

novas são em sua maioria bastante caras, os preços mais acessíveis são encontrados somente no centro da cidade, por exemplo, no Mercado Maquinino, onde há muitas lojas de indianos e paquistaneses. A maioria da população compra roupas usadas vindas da China e dos Estados Unidos que são vendidas em barracas (estandes de madeira cobertas com lona preta dispostas uma ao lado da outra formando um corredor; algo parecido com os camelôs do Brasil), aos moldes do famoso mercado do Goto, onde é possível encontrar de tudo.

A variedade de restaurantes em Beira é mais restrita, não há restaurante japonês, por exemplo. Também não há restaurantes do estilo buffet, somente *à la carte*. Há restaurantes mais requintados, como o Solange e o Tugas, que oferecem um cardápio variado de peixes, frutos do mar, frango e carne bovina, por valores equivalentes a R\$ 60,00 até R\$ 120,00. A cidade não possui mais cinema, pois o antigo cinema da época de Portugal foi desativado. Há, no total, menos de 50 prédios e a maioria está em péssimo estado de conservação. Exceto nos bairros nobres da cidade, as moradias são bastante básicas: possuem um ou dois cômodos que abrigam famílias, por vezes, com mais de 5 pessoas; são feitas de alvenaria, sem pintura em reboco, o telhado é uma chapa de zinco e o chão é de terra batida; a maioria não tem energia elétrica e água encanada; as pessoas tomam banho de balde e cozinham do lado de fora da casa, em churrasqueiras no chão com carvão. Ao sair da cidade de Beira, visualiza-se povoados com casas muito parecidas com ocas indígenas: redondas, com paredes de barro ou pedra cobertas com barro e telhado de palha. A maioria da população não tem carro

próprio; são vistos circulando pela cidade muitos veículos “caindo aos pedaços”; os poucos carros bem conservados são em sua maioria de estrangeiros ou políticos. O trânsito é tranquilo e só há congestionamento próximo aos supermercados.



Casas do interior / Fonte: arquivo pessoal

A impressão é que Beira foi uma cidade muito bonita e elegante na época colonial, porém a falta de conservação das casas e construções portuguesas confere uma aparência de decadência atualmente à cidade, retratando a expulsão dos portugueses que acabaram abandonando suas propriedades e a pobreza atual da população que recém saiu de uma guerra civil (1977-1992). Um exemplo dessa degradação

é o Grande Hotel, um antigo hotel de luxo que foi abandonado e durante a guerra civil virou um campo de refugiados. O hotel foi totalmente saqueado e nele, atualmente, residem milhares de desabrigados que vivem em péssimas condições de higiene e segurança, devido ao risco de desabamento. Com a experiência de trabalho na ONG, ficou evidente que se tornou um local para comércio de drogas e prostituição.



Grande Hotel atualmente / Fonte: arquivo pessoal

Após minha primeira semana em Beira, eu só pensava: como irei aguentar um ano aqui? Quem diria que, no final desse período, eu não

iria querer mais vir embora. No início, havia muita novidade e coisas interessantes para conhecer:

**Culinária:** milho, mandioca, amendoim e côco são a essência da culinária de Moçambique. Um dos pratos mais populares é a “xima”, farinha de milho cozida com água e sal, similar à polenta mole do Brasil, porém branca e menos cremosa; uma massa firme que lembra purê de batata. É usada como acompanhamento de carnes ou com molho ou feijão. Para mim, não tem nenhum sabor. É muito utilizada como o mesmo objetivo que os imigrantes italianos usavam a polenta quando chegaram ao Brasil: matar a fome; por ser pesada, “enche” o estômago, porém, nutricionalmente, é muito pobre. Outro prato tradicional é a “matapa”, folha de mandioca cozida ao molho de amendoim e leite de côco. Há diversas variações do prato, com inclusão de camarão, marisco, caranguejo, tomate ou abóbora. E por fim, meu prato típico preferido, o “carril”, galinha ou carne de gado cozida com molho de amendoim, leite de côco, tomate e temperos. Uma tradição é que no prato moçambicano não pode faltar “piri-piri”(pimenta com azeite) verde ou vermelha.

**Transporte público:** o transporte utilizado no dia a dia pelos moçambicanos é a “chapa”, minivans, superlotadas, com pessoas sobrepostas umas sobre as outras transportando de tudo: crianças, animais, compras, como sacos de batatas, arroz, feijão. Utilizei apenas uma vez esse transporte para um percurso de 30 minutos e foi o suficiente para nun-

ca mais querer usá-lo. Duas amigas e eu entramos em uma “chapa” que estava vazia. Estávamos bem felizes que iríamos confortavelmente para o nosso destino. No caminho, a “chapa” ia parando para pegar mais passageiros, porém, quando acabaram os espaços sentados e em pé, o motorista continuava parando para que mais passageiros subissem. Eu disse para o motorista: “moço, não cabe mais ninguém não!” E ele respondeu: “chapa não tem limite de passageiros, sempre cabe mais um!” A essa altura, eu já estava deitada sobre minha amiga, com umas cinco pessoas apoiadas sobre mim e com a sacola de uma senhora contendo algum tubérculo batendo na minha cabeça. Fiquei nessa posição o resto do trajeto, uns 20 minutos.

O transporte que eu costumava utilizar, quando o carro da ONG não estava disponível, era a “chopela” (triciclo tuc-tuc), um táxi mais barato. Achava muito divertido, além de prática e rápida, porém bem mais onerosa, variando entre R\$ 6,00 e R\$ 15,00 de acordo com a distância percorrida, enquanto a chapa custa em torno de R\$ 2,00. Em Beira, não há “machibombo” (ônibus) de linha, é usado somente para trajeto intermunicipal. Um fato interessante é, quando há casamentos ou funerais, os familiares e amigos se deslocam até o local do enterro ou da festa de casamento na caçamba de caminhões, todos em pé. Um perigo! Grande risco de acidente! No caso do enterro, uma pessoa se posiciona bem na frente do caminhão e vai segurando uma cruz. No caso do casamento, todos estão vestidos com trajes a rigor.

**Idioma:** Moçambique tem apenas uma língua oficial, o português, porém possui 43 idiomas locais, sendo 41 indígenas (4). De acordo com o Censo de Moçambique de 2007, as línguas maternas mais frequentes são o emakhuwa (25.3%), o português (10.7%) e o xichangana (10.3%). Somente 50.8% da população do país sabe falar português, sendo que sua maioria reside na área urbana (81.5%). Na área rural, apenas 36.6% da população sabe falar português (5). Em Beira, as línguas mais faladas pelos colegas eram sena, changana, ndau e chona. Memorizei apenas duas palavras *Khanimambo* (obrigado em changana) e *Muzungo* (pessoa branca/estrangeira em suaíli); esta é muito fácil de gravar, pois toda vez em que fui a locais onde não é comum ver pessoas com pele branca, virei o centro das atenções; crianças apontavam para mim e gritavam: “*muzungo, muzungo!*” Logo que se chega em Moçambique é possível perceber que o português brasileiro e os moçambicanos têm dois hábitos: pronunciar a letra “e” no final de palavras que acabam com consoantes, por exemplo, sal = sale, cantar = cantare; não utilizar o gerúndio, por exemplo, estou indo = estou a ir, estou vendo = estou a ver.

Algo curioso no país é o costume de atribuir o nome aos filhos conforme a situação que os pais enfrentaram durante a gestação ou o matrimônio, como Alegria, Tristeza, Castigo, Justiça, Malvinda, Esperança, Felicidade, Azarias, Paciência. Esse costume gera um elevado número de solicitações de mudança de nome quando os indivíduos chegam à fase adulta.

**Tecido:** as cidades, ruas e casas são marcadas pelo colorido e pelo encanto das capulanas, tecido africano de diferentes cores, texturas e utilidades: vestimentas femininas e masculinas, tanto no dia a dia como em cerimônias tradicionais (casamentos, funerais, festas com traje a rigor), cortinas, almofadas, toalha de mesa, capa de sofá, enfeite feminino para cabeça, lençóis, canga de praia, canguru para bebê (para carregar bebê nas costas), bolsas, carteiras, mochilas, etc.

A capulana tem sua origem há alguns séculos no continente asiático e chega à África pela primeira vez nos Séculos IX e X, por intermédio das trocas comerciais entre árabes e persas e povos que viviam ao longo da costa do Índico. De princípio, a capulana surge como moeda de troca entre os povos e apenas os monarcas a usavam, como símbolo de representação de poder.

A capulana tem importante significado cultural: antigamente era utilizada apenas para esconder e preservar o corpo da mulher e, ao longo do tempo, foi ganhando outras serventias, porém ainda é símbolo da mulher moçambicana, é uma peça de afirmação de identidade.

Capulanas especiais são guardadas com muito carinho: a capulana que carregou o primeiro filho, a capulana do casamento da filha, a capulana que carregou a colheira do ano afortunado...



Vestido de aniversário de capulana

Em algumas localidades do norte de Moçambique, a forma como a mulher amarra a capulana determina o seu estado civil: casada, solteira, divorciada, viúva, noiva, etc (6). As capulanas são vendidas em pedaços em lojas específicas desse produto. As lojas de capulanas têm centenas de texturas expostas nas paredes de diferentes preços. Você escolhe a estampa, compra o pedaço de tecido e leva para o alfaiate confeccionar sua peça de capulana.



Enfeite de cabeça de capulana

Ao longo do tempo, fui conhecendo os costumes, a realidade de vida daquelas pessoas e a grande quantidade de dificuldades que enfrentam, como o altíssimo nível de corrupção, extrema pobreza, sistema de saúde precário, ausência de saneamento básico, desnutrição, baixo nível de educação, maus-tratos contra animais, etc. Fui me sensibilizando com os problemas do país, me comprometendo cada vez mais em

fazer a minha parte para melhorar aquele cenário, até que, aos poucos, comecei a me sentir pertencente àquele povo. Os problemas e dilemas deles passaram a ser os meus, assim como as alegrias e as dores. Associo esses altos níveis de identificação, envolvimento emocional e sentimento de pertencimento com sinalética de memória de vidas anteriores nesse local, corroborando com Waldo Vieira: “A África está e esteve sempre no sangue dos intermissivistas. A tendência evolutiva é sempre o retorno às origens das autexperimentações” (7).

Minha experiência em Beira finalizou em 25 de abril de 2019 e deixei a cidade querendo ficar, ainda havia e há tanto para fazer! Mas trouxe na bagagem experiências riquíssimas, lições de superação e força, muitos sorrisos e algumas lágrimas, e imagens de paisagens maravilhosas. Beira tem um pôr do sol magnífico! A lua e o sol parecem maiores!



Pôr do sol em Beira / Fonte: arquivo pessoal

## Referências Bibliográficas:

- 1) Portal do Governo de Moçambique, site  
<http://www.portaldogoverno.gov.mz>
- 2) The World Bank, site <https://www.worldbank.org/pt/country/mozambique>
- 3) União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, site  
<https://www.uccla.pt/membro/beira>
- 4) Ethnologue: Languages of the World.  
<https://www.ethnologue.com/country/MZ>
- 5) Indicadores Sociodemográficos, Moçambique, Censo 2007.  
<http://197.249.4.187/imismoz/censos/censo2007/censohtml/00/brochura/00linguas.html>
- 6) Conexão Lusófona. Capulana: um tecido carregado de história.  
<https://www.conexaolusofona.org/capulana-um-tecido-carregado-de-historia/>
- 7) Waldo Vieira. Léxico de Ortopensatas. Volume I, p. 59.

Andréa Cristina Vanni é natural de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Residiu 11 meses em Moçambique. Possui graduação em Farmácia-Bioquímica pela Universidade de Caxias do Sul e mestrado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estuda Conscienciologia desde 2011 e foi voluntária do IIPC em Caxias do Sul, RS.